

A paixão da escrita: memória, biógrafos e biografados

Cremilda Medina

Doutora; USP
medinase@usp.br

Resumo

O artigo faz uma visita ao *Livro das horas, Graciliano: retrato fragmentado* e a *Aí vai meu coração*. O objetivo é aproximar o leitor das subjetividades de Nélida Piñon, Graciliano Ramos e Tarsila do Amaral, e mapear as possibilidades do registro do afeto na memória escrita. Para isso são utilizados textos biográficos, autobiográficos e textos de troca de correspondências, além de relatos pessoais. Seguindo o projeto de exorcizar padrões esquemáticos da apresentação do pensamento, este artigo quer também resistir à limitação dos critérios de certo e errado na execução criativa da língua.

Palavras-chave

Biografia. Autobiografia. Correspondência.

Em meio à acirrada polêmica travada no Brasil em 2013, decidi registrar a visita que me encantou a três livros que reúnem memórias biográficas, a iniciativa muito particular de biógrafos e o laço de afeto com biografados. Em o *Livro das horas*, Nélida Piñon (2012) se lança ao mergulho de vida inteira; Ricardo Ramos deixou, para deleite do fruidor de obra literária dele e do pai, a sutil relação dos dois num retrato fragmentado de Graciliano (RAMOS, 2011); Ana Luisa Martins, outra filha, essa do escritor Luís Martins, recuperou, em *Aí vai meu coração: as cartas de Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins* (2003), a trama sutil de um triângulo amoroso.

O longo contato com a memorialista, com os biógrafos e com dois dos biografados – o casal Anna Maria e Luís Martins –, muito reforçou a admiração pelos autores desta delicada arte de tecer histórias de vida. Junto os três livros num ensaio de leitura cultural porque pressinto ora de forma explícita, ora nos silêncios do não dito, traços comuns que assim posso sintetizar: antes de tudo, sensibilidades impregnadas pelo amor à literatura brasileira, por isso mesmo afetas ao tempo e à circunstância da saga coletiva; e no que tange à

intimidade com o eu e com o outro próximo, pressente-se a cumplicidade, o respeito perante grandezas e limitações, coerências e contradições do ser humano, seja ele o pai, a mãe ou os que com eles cruzam na trajetória pessoal.

Conheci Nélida Piñon, Ricardo Ramos, Anna Maria e Luís Martins em circunstâncias profissionais. Não seria capaz de me aventurar em suas biografias, embora tenha composto os perfis dos três primeiros no conjunto de autores do livro *Escritor brasileiro hoje, a posse da terra* (MEDINA, 1985), e, ao mesmo tempo, tenha recebido das mãos de Luís Martins a crônica rigorosamente pontual que me entregava na editoria de artes do jornal *O Estado de São Paulo*, onde trabalhei de 1975 a 1985. Esse privilegiado contato criou laços de amizade para além da cobertura jornalística com Nélida, Ricardo, sua esposa Marise, sua mãe, dona Heloísa – viúva de Graciliano, Luís e a esposa, a também escritora Anna Maria Martins e Ana Luisa Martins, a filha, autora cujo título do livro diz tudo de afeto – *Aí vai meu coração*. Agora, passadas quase quatro décadas, a leitura dos três livros me revelou sutilezas pessoais, contextos sociais em que se trama a vida dos protagonistas, profundas reflexões dos autores.

Por isso mesmo, passo a partilhar a escolha que fiz de certas particularidades seguindo a ordem em que li o *Livro das horas, Retrato fragmentado* de Graciliano e *Aí vai meu coração: as cartas de Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins*.

[...] não sou inocente no jogo dos afetos

E Nélida diz ainda logo nas primeiras páginas do *Livro das horas*: “Não sou turista, mas uma exilada. Não propriamente da urbe, mas de mim mesma”. Por certo a escritora não se ausenta nunca da urbe e, como afirma o ensaísta Eduardo Portella na apresentação, o livro “[...] se encontra todo ele vazado de historicidade, consciente de que as horas não passam em vão”. Acrescenta outra lúcida frase: “E de que é preciso manter os pés na terra, e apostar no trabalho da linguagem, com aquele encanto que dispensa a eloquência”. Mas ao longo das páginas, a romancista confessa não dispensá-la ao eleger nos clássicos uma afinidade: “O sentido narrativo de Heródoto deixa transparecer uma afortunada eloquência. Ao peregrinar pelo mundo, ele favorece com audácia de narrador o que desconhece”.

Há então duas trilhas que se cruzam na atuação da escritora no mundo e na expressão ficcional com que transpõe a experiência humana para a literatura: historicidade consciente e aposta no trabalho da linguagem. Por outro lado, sem abdicar da abstração do

pensamento, remete-se constantemente ao cotidiano dos sentidos. Este, o movimento do *Livro das horas*. Em nenhum momento, porém, se permite a arrogância do EU, “não sou inocente no jogo dos afetos ou exilada de mim mesma”, se mantém vigilante e solidária com a urbe e seus abismos.

Por dever de ofício, afio pela manhã os mil instrumentos com que a arte me dota e recenseio aos poucos o mundo visível com o intuito de narrar uma história. Um ato singelo que me causa desassossego, ruge em mim, esfacela-me, dispersa-me.

No embate com a palavra, as horas escorrem na autobiografia dessacralizada que um biógrafo teria dificuldade para reconstituir; essa intimidade que não se perdoa nos excessos, nas contradições, nas escorregadas, nos erros voluntários e nas inconsistências incontroláveis.

Indago se serei profunda, ou inconsequente, no que se refere à vizinhança do abismo que me ameaça. E se serei um dia capaz de resumir em uma única página a matéria poética constituída de partículas que latejam em mim. Um milagre que me levaria a encerrar-me na casa, que é meu corpo e as minhas memórias. A buscar afinal a dimensão que me falta, a ultrapassar quem sou. Antes, talvez tenha que visitar labirintos, subsolos, locais sem luz e esperança, e lancetar o tumor humano para aliviá-lo do alude da dor.

A tentação do exílio filosófico se afasta e aparece o sorriso bem humorado de uma Nélida visceralmente contaminada com o miúdo viver e hora H de escrever. Após a catarse da reflexão e o ritmo dos acontecimentos à volta, o ofício não a abandona: “sei que é mister padecer para ter em troca, à minha disposição, a substância da arte” (2012). Memória e experiência, sim, compõem essa substância, mas a artista que se recusa ceder à inocência ou à ideologia sabe que a trama ficcional impõe outro combate à literatura (anotação esta que vale um tratado sobre a produção simbólica do humano ser):

Embora vítima das esquinas ventosas de Nova York, a narrativa que brota em mim é alimentada por variadas sequências romanescas. Temo que a memória claudique e as dissolva antes de descrevê-las. Ainda que atrás das cenas urdidas haja personagens que padecem das metamorfoses que a arte impõe a quem lida com ela.

Nélida Piñon lega aos leitores de seus romances um testemunho precioso do labor artístico. Seria tal cenário acessível ao biógrafo? Talvez, na cumplicidade dialógica e no respeito mútuo entre o interlocutor e o biografado. Quanto a mim, que busquei depoimentos de mais de 150 escritores de língua portuguesa em Portugal, na África e no Brasil nos anos 1980, confesso minha insuficiência para chegar ao grau de profundidade das horas passadas

lendo o *Livro das horas*. A palavra literária, nascida na maturidade, carrega escavações biográficas intermináveis. “Minha vida mudou. A cada dia sou menos a Nélida que conheci até pouco tempo atrás”. Linhas e entrelinhas da escrita vital não apenas despertam curiosidades, como, acima de tudo, o afundamento na condição humana – o ritmo da aventura real se funde na aventura do imaginário.

Apesar da urdidura sofrida, a autora parece se divertir na montagem da cena literária. Os escritores, brinca, são “viajantes da alma humana, senhores das lorotas...”. Aventureira nos espaços geográficos desde menina, se expandiu nas leituras não menos aventureiras a tal ponto que “a imaginação é razão de viver”. Gulosa, degusta cada momento da viagem para alimentar as “entranhas dramáticas”. Compreende-se então sua constante disponibilidade para intervir na historicidade brasileira, a liderança pronta para as causas políticas, a afetividade explosiva para a família e os amigos. Não está nunca ausente (exilada) do segundo, do minuto, da hora imediata. “Minhas entranhas são dramáticas, ressentem-se da opacidade alheia. Para não dar um passo em falso, socorro-me da escritura que dita regras do bom viver. Com elas na algibeira, sou levada pelas botas de sete léguas para onde seja”.

Aventureira, senhora de lorotas, persegue como ficcionista “as emoções propensas a se perderem. E que, para tal fim, vai à caça do ouro, da côdea de pão”. A metáfora, principal aliada da palavra poética, emerge tanto no texto romanesco como no ensaístico ou na oralidade da acadêmica. Costumo dizer, ao ouvir uma entrevista, um pronunciamento de Nélida Piñon, que é uma das raras pessoas de fala editada. A sintaxe da escritora se faz presente na oratura. E já houve quem dissesse que sua escrita é complicada. Me recuso a aceitar esse juízo de valor justamente pela interpenetração do pensar sutil com as entranhas dramáticas. Estaria ela exilada do leitor? De modo algum. Novamente chamo sua voz no *Livro das horas*.

Não tenho filhos, mas leitores, capazes por si sós de defenderem a civilização contra os avanços da barbárie. A eles nomeio sucessores de uma linguagem irrenunciável. E, embora duvide às vezes se vale defender alguns princípios hoje contestados, persisto em inscrever certas normas no código dos direitos humanos.

E o parágrafo seguinte:

Não conheço os leitores e nem sei onde vivem no território brasileiro. Mas penso um dia convidá-los a serem parceiros, sócios, aliados das minhas aventuras narrativas. A me conhecerem pessoalmente, trazendo debaixo do braço algum romance de Machado de Assis. E que vejam como é a aparência de quem se habituou a registrar os enredos que também eles viveram junto com suas famílias.

Pois é, Nélida, quando a visitei pela primeira vez, na outra moradia anterior à da Lagoa, no Rio de Janeiro, pude sentir essa proximidade entre você, a saga brasileira, a família, sua e minha. Não bastasse o elo imediato do signo da relação que se estabeleceu entre nós, aí estavam as digitais simbólicas da saga familiar que tanto você preza, no romance *A República dos Sonhos*.

Na retomada das horas de um século ou mais, sua narrativa valoriza raízes culturais que nos dão sentido identitário. Por isso, se diz ser arcaica. Diria eu, você busca no presente o tempo mítico da república dos sonhos, da história que poderia ser. Vêm à tona, então, mágoas da atualidade modernosa:

Dói retornar ao meu século. Suas fimbrias, que desconheço, motivam-me a pedir que afastem de mim o cálice oxidado do modernismo que me querem impor. Um tempo aziago, inserido nas correntes da fraude contemporânea, e que não tolero. Tanto que, ao ouvir os brados dos que enaltecem esta espécie de modernidade improvisada, sem dar margem a refutar seus preceitos, sei-me demais no mundo. Temo este ímpeto de substância fascista que condena ao desterro quem não se enfileire em suas devoções estéticas.

Na Academia Brasileira de Letras, na rua ou em casa, você não “quer viver neste solo fecundado pela improvisação da arte, pelo desprezo à tradição, pela ganância do dinheiro, cujo fausto e lucro determinam os rumos estéticos”. Não só os rumos estéticos, Nélida, sua reflexão crítica abrange as biografias – estrito senso – da contemporaneidade. “A cultura marca o tempo da história”, diz você. Acrescento: e as horas particulares dos viventes. No coração da identidade cultural, certamente a principal manifestação – a língua. Você, outra vez consciente da historicidade conforme Eduardo Portella, anota: “Amo a língua lusa. Através dela entendo que as línguas do mundo formam uma única. Tenho em mira a mítica torre de Babel, cujos delírios linguísticos exortam-nos a abolir a pureza linguística”. A escritora não cede à ignorância que prega os critérios de certo e errado na execução criativa da língua. Exorta, convicta, a pluralidade mestiça:

Uma orgia musical que expande a estética do prazer, e leva-me a apreciar a feijoada, o cozido, o cuscuz, Machado de Assis, Homero. E me faz agradecer o pensamento que, originário de cruzamentos e do caos, recusa simetrias, divaga poeticamente sem atinar implacável com a concatenação das ideias.

A palavra desmesurada da solidão literária colhe, na aventura humana, o “desatino coletivo” estampado no jornalismo, a história dos anônimos, a intertextualidade da arte. Esses, os impulsos que alimentam a narrativa poética. “Enquanto narro, singro mares...”. Após ondas singradas, vem a paz? Nas biografias dos artistas não se cumpre o

apaziguamento. Pelo contrário, tal qual o fado de Sísifo, “reinstaura-se o conflito, a flor da sua natureza”, a arte, a pedra que novamente será carregada ao topo da montanha. Que energia move o pulso? “A paixão que dilacera a ordem e a linguagem poética”. Parágrafo seguinte da penúltima página do Livro das Horas: “E se é assim de fato, como ferir a febre do verbo, o grau do sofrimento do autor?”. Pausa. E vem à tona da reflexão consciente o antepenúltimo parágrafo de Nélide Piñon:

“Vou morrer e nada sei.”

O pai, matéria de sonho

Tomei contato com os contos de Ricardo Ramos pouco tempo depois de ler *Vidas Secas*, um livro indispensável para o vestibular de Jornalismo e de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1961. À época, ainda se prestavam provas escritas e orais, não dava para fugir da plena leitura dos clássicos. Mas tão logo começaram as aulas de literatura na universidade, tanto o estudante de Jornalismo como o de Letras se voltaram para aqueles que iniciavam a carreira como o escritor Ricardo Ramos. Eis uma proposta pedagógica que muito fecundou o ofício profissional – o de repórter e o de professora. Aí se fundava meu encantamento pelo gesto da arte ao acenar para a aventura humana nas sociedades contemporâneas. Ao trabalhar paralelamente nas duas frentes, como jornalista na antiga *Revista do Globo*, em Porto Alegre, e como professora nas aulas de português no segundo grau em escolas da cidade gaúcha de Camaquã, os contos de Ricardo Ramos compareciam com luz própria, sem refletir qualquer sombra literária de seu pai.

Mais tarde, em São Paulo, viria a ter contato direto com o autor de *Tempo de espera*, cujos contos havia incluído na oficina literária de alunos do segundo grau. Dos anos 1970 à década seguinte, Ricardo, Marise Ramos, a companheira, e dona Heloísa, mãe e viúva de Graciliano, se tornaram cúmplices nos afetos cotidianos como cúmplices eram na luta pela democratização do país. A liderança de Ricardo, seja na União Brasileira de Escritores, seja na generosidade da crítica com que acolhia os jovens talentos, lhe dava uma estatura ética muito especial. E, apesar da militância política e da atividade de sobrevivência na publicidade em São Paulo, continuou a escrever, cada vez mais convicto de que seu lugar era o da narrativa de curto fôlego em que perseguia tensão e densidade literárias. A precoce morte (1992) retirou da cena política esse solidário elo entre escritores solitários. Mas na expressão literária, acima de tudo no conto brasileiro, permanece viva a fruição de quem o descobriu à origem – anos 1950-60 – e dos jovens leitores que o redescobrirem.

Pai, filho, netos. Que glória familiar. Ricardo Ramos deixou fragmentos memoriais de *Graciliano: retrato fragmentado*, como diz o neto, Rogério Ramos. Na trama da estirpe literária, se reuniu com o tio, James Amado, e organizaram uma primeira edição. “No entanto, pela falta de tempo, a primeira edição saiu correta e precursora de outra, futura, aquela que todos os envolvidos queríamos, na rede afetiva e familiar que este livro evoca e realinha”. Em 2011, dada a dimensão da memória que a Ricardo Ramos deve ser atribuída (digo eu), Rogério Ramos reeditou o livro que enlaça luzes estéticas de seus antecedentes, o pai e o avô. Outro neto, também escritor, Ricardo Filho, intitula seu texto de apresentação *Escrever é preciso*, pois no ambiente doméstico não havia espaço para inspiração hereditária. A ele irrita sobremaneira o comentário “filho e neto de peixe, peixinho é”. Pensou muito nisso, pois afinal, quanto à escrita, vive no círculo da fartura:

Tenho irmãos que escrevem bem. Minha irmã, temporona, que nasceu dez anos depois da gente, seguiu o mesmo caminho. Tenho tios, primos e sobrinhos com textos publicados. Seria o sangue de Graciliano tão forte assim? Decididamente não.

Para Ricardo Filho, as chaves do reino da literatura estão em casa nos livros à volta, a partir da primeira infância. E depois que a paixão da leitura se instala, vem o embate da escrita: “Nada se constrói sem esforço”. Lembra Ricardo Ramos:

Papai não acreditava em inspiração. Dizia que se fosse esperar a vontade chegar não teria escrito. Poucos vi serem tão metódicos. Diariamente, de domingo a domingo, sentava-se para escrever. Dizia que era um trabalho como outro qualquer. Hora para começar e terminar, disciplina, planejamento. Com ele aprendi que é preciso estar atento ao cotidiano. Tudo o que vai para o papel parte da observação. Era comum vê-lo agradecer. Dizia sorrindo: ‘Obrigado, você acaba de me dar um conto’.

Acrescente-se, nas páginas de apresentação do livro de Ricardo Ramos, o ensaio crítico de Silviano Santiago. Dele recolho a sutil observação sobre o Retrato Fragmentado que Ricardo Ramos traça de Graciliano. Para o ensaísta, esse “incômodo adjetivo” foi corajoso: “Em última instância, é ao seu leitor que o filho estende o frágil e enigmático adjetivo a fim de que dele faça o trampolim para interpretar, com liberdade e imaginação cidadãos, os sucessivos flagrantes do pai”. Mais adiante, Santiago ilumina a contribuição do escritor:

A astúcia do viés analítico adotado por Ricardo visa apreender a questão da fala e da escrita em Graciliano – e do estilo neoclássico, que lhe será próprio –, menos como produto do rigoroso e infatigável esforço artístico, mais como um compromisso do cidadão com as letras nacionais em exercícios textuais banais e corriqueiros.

Nos fragmentos da biografia de Graciliano por Ricardo Ramos há mais do que o reconhecimento do infatigável esforço artístico, a dignidade do cidadão, a convicção do militante. Acresço a busca para além da lógica e da coerência em que, com o tempo, “o pai se tornou matéria de sonho”. Como um ser sensível iria enquadrar o perfil do autor de Memórias do Cárcere na moldura rígida que por vezes se aplica a Graciliano Ramos?

Expressões, gestos, rompantes. Assim eu lembrava meu pai, fisicamente, como o parente mais próximo que cessou, deixando, no entanto, as marcas do convívio, da intimidade. Passou-se algum tempo e, não sei quando começou, essa imagem se foi alterando. A ela se sobrepunham os retratos, dezenas deles, que apesar de parados me davam toda aquela vida vivida. Pouco a pouco, eles ganharam movimento. Em particular o de Portinari, milagrosa síntese do seu rosto. Sem querer, aprendi a ver as fases de meu pai, mais representativas desse ou daquele período, uma fotografia que o definisse. Noutras palavras, deixei-me guiar pela iconografia do escritor. Hoje, só consigo lembrar meu pai, como homem, quando durmo. Para mim ele se tornou matéria de sonho.

Estilhaços de memória, fragmentos biográficos ou transcrição imaginária? Tudo mesclado nesse “estar afeto a”, consciente e inconsciente, da palavra poética. Ricardo não exorciza a sombra que Graciliano lhe estendeu, nem assume a feição pretensamente distanciada do biógrafo. Nem registra a fala do filho de pai famoso, nem pretende oferecer informações isentas para a história da literatura brasileira. Seus fragmentos nascem da memória e da ficção, arte que o fez criador da mesma seara. Referindo-se a vestígios da memória na ficção, desconfio que se integre à observação que faz:

Sei que aqui e ali, com alguma frequência, há quem estranhe certas figuras de Infância e Memórias do Cárcere. Isso de pai e mãe, ou de esposa, de repente surgirem como personagens, em toda uma gama conflituosa, não é muito comum. No entanto, será o método do escritor dar às suas memórias um tratamento próximo ao da ficção, antepondo, aguçando, ampliando.

Ouso dizer que o mistério ficcional recobre os dados objetivos da memória. E Ricardo Ramos, nesse embalo de fragmentos, vai fundo no perfil que traça do Velho Grace. Não que se desprezem pinceladas certas do convívio cotidiano, do jeito de se vestir, dos apelidos familiares, do método de administrar a sobrevivência, dos cardápios e das reuniões com intelectuais em casa ou na Editora José Olympio. Ao longo das páginas do livro de Ricardo Ramos, surpreendem-se momentos intimistas, flagrantes literários e embates políticos em que jornalistas e historiadores podem se inspirar. Mas são as particularidades – tal qual como na ficção do contista – que tocam o leitor. O filho, no exercício estimulado pelo pai, recebe lições de estilo:

- Não escreva 'algo' – ele implicou.
- Quis saber por quê; me respondeu:
- É crime confesso de imprecisão.
- Mais tarde eu estranhei:
- Por que você não usa reticências e exclamações?
- Não demorou um segundo:
- Reticências, porque é melhor dizer do que deixar em suspenso.
- Exclamações, porque não sou idiota para viver me espantando à toa.
- E certa vez, a propósito de um parágrafo em que eu empregava diferentes tempos de um verbo (passado, presente, futuro), recomendou:
- Não faça isso.
- Resisti, Machado de Assis fazia, até numa frase. Estava certo. Era um erro, sim. Não gramatical, mas de pensamento. Ninguém raciocina aos pulos. E arrematou:
- O importante é escrever duas páginas no condicional sem ficar monocórdico, nem dar eco, sem que se perceba.
- Esmoreci, confessando:
- Não vou conseguir isso nunca.
- Ele me animou:
- Vai sim. Com suor, paciência, vai.

É dessa antologia de significados permanentes que nos fala Ricardo Ramos no retrato picassiano de seu pai. Lembra também de circunstâncias decisivas como a reação de Graciliano à sua entrada na Faculdade de Direito ou a mudança do emprego para casar. Como todo o pai, “o Velho ficou feliz, e demonstrou, brincando de chamar ‘doutor’ por antecipação”. Ricardo que não atribuiu importância à universal corujice de pai, descobriu anos após a morte de Grace ter ele instituído a Faculdade de Direito de Alagoas. “Autodidata, guardou bem guardada a sua medida bacharelesca. Não me disse nada. E vá a gente querer, assim no simples, entender as tônicas de uma pessoa. Se viver é geral, o passo de cada um é muito particular”.

Quando conheci pessoalmente Ricardo Ramos nos anos 1970, ele já era um bem sucedido publicitário em São Paulo. Mal sabia eu o que nos conta sobre a virada do jornalismo para a propaganda nos anos 1950. Pronto para casar com Marise, desabafou com o pai que não dava mais para continuar no jornal ganhando uma miséria. Então o velho comunista o surpreendeu: “– Por que você não tenta propaganda?” Ao espanto do filho, também militante de esquerda, respondeu: “– Propaganda. Isso de anúncio. Tem muito amigo fazendo. Homem, que idéia! Capaz de dar certo. Se quiser, e pagam bem, pode ser uma solução”.

Essa não é a única passagem que espreita a complexidade humana e o conflito entre idéias e vida cotidiana. Há muitos fragmentos no livro que deslizam das rugosidades do real às contradições e implicâncias da inteligência. Ricardo lembra aversões do pai, as viscerais,

as ideológicas; sublinha a sutileza com que analisa autoritarismos de todos os lados. Embora fosse discreto em círculos mais amplos, não calava em círculos mais íntimos. Quanto aos juízos de valor sobre o escritor e sua obra, se o acusassem, respondia tranquilo: “Eu não falo de mim. Nem de livro meu. Deixe que os outros falem”. Como profissional da escrita, porém, “combatia o paternalismo dos editores, buscava na atividade de escrever uma compensação prévia (crônicas, artigos, até livro aprazou na entrega de capítulos remunerados)”.

Na luta pela sobrevivência, não imaginou quantas edições venderiam os livros que, em vida, lutava junto à editora por direitos autorais ou adiantamentos. A literatura e seu valor no mercado pareciam incompatíveis para Grace, como assim permanecem nas gerações que o sucederam, feitas algumas exceções. No entanto, o tempo opera o milagre da multiplicação dos leitores. Errar nas previsões é humano, e o autor de *Vidas Secas* não acertou também quanto à outra paixão nacional, segundo o curioso relato de Ricardo:

Graciliano tem uma crônica, de 1921, que fala de futebol. Desaconselha o novo esporte, simples estrangeirismo, e preconiza o retorno às nossas fontes, com a capoeira. Não acredita que a novidade pegue, já que avessa ao nosso feitio, e insiste na rasteira, o jogo que é o nosso forte, veio de baixo para alcançar o plano de símbolo nacional. [...] Graciliano teria ecoado as posições do exaltado Lima Barreto, reagindo contra a importação de um esporte então minoritário, decididamente elitista e racista. Graciliano teria tido um acesso juvenil, errado porque em começos, um desses compreensíveis pecados de mocidade.

Dos pecados de mocidade ao câncer dos últimos dias, Ricardo Ramos costura fios da biografia do pai, sempre embaralhados com a arte da escrita. Ora importa flagrar o ambiente literário do Rio e do Brasil, ora as viagens ao Exterior na saga política do Partido Comunista, ora o convívio doméstico. Na busca despojada do Outro, e esse outro era o pai, está sempre permeável às críticas e comentários sobre Graciliano. Não individualiza uma opinião, se entrega aos sentidos que lhe vêm da informação ou do sonho. Como a matéria prima – a literatura – ronda um e outro, há sempre no ar o homem que está por trás do escritor e a pergunta que não cala: quais são as intenções do ato estético? Viveu tão perto do autor de *Angústia* e tão longe ficou dessa resposta.

Porque as intenções do escritor formam uma teia, às vezes de superfície, às vezes subterrânea, com indistigível harmonia. No seu desenho, que amarra os tempos do entrecho; na sua textura, que dá profundidade às personagens. E não sei de grande romancista que não seja simétrico.

Assimétricas, imprecisas, imponderáveis são as circunstâncias da vida. Ricardo relembra uma declaração do pai que encerra uma entrevista – “Espera morrer com 57 anos”.

Posteriormente à morte de Graciliano, sua memória recompôs o que seria o limite entre a consciência e o delírio:

Tenho lido, nos últimos tempos, as mais diversas interpretações daquela sua expectativa. Da premonição ao desejo de morte, do psicanalítico ao misticismo. Ele mesmo, no entanto, antecipou-se em desfazer todo esse imaginoso concerto. No dia em que a entrevista saiu, perguntei-lhe por que tinha dito aquilo. Respondeu simplesmente: - Foi o primeiro número que me veio à cabeça. Um palpite, então. E errado: não morreu aos 57, mas aos sessenta anos.

Muitos escritores, além de palpitar sobre datas significativas para a vida e para a morte, gostariam de deixar aos descendentes diretos não propriamente regulações jurídicas para eventuais biografias, mas disposições finais quanto a sua obra. Com sua clarividência de grandezas e imperfeições dos originais inacabados, Graciliano elegeu o filho, Ricardo Ramos, como seu fiel guardador:

- Preste atenção no que não está em livro. Se assinei com meu nome, pode publicar; se usei as iniciais GR, leia com cuidado, veja bem; se usei RO ou GO, tenha mais cuidado ainda. O que fiz sem assinatura ou sem iniciais não vale nada, deve ser besteira, mas pode escapar uma ou outra página menos infeliz. Já com pseudônimo não, não sobra uma linha, não deixe sair. E pelo amor de Deus, poesia nunca. Foi tudo uma desgraça.

Ao investir Ricardo dessa missão, acrescentou o que o filho traz do fundo da memória: “- Tome conta, pode ter importância. Talvez algum dia os livros rendam alguma coisa. Seria bom para sua mãe, para as meninas”.

Uma cena com esta do fim da vida de Graciliano Ramos, não poderia ter um desfecho rígido de um militante. Ricardo nos lega um instante de emoção plena: “Então me abraçou, mais demorado, e me beijou no rosto. Pela primeira vez, que eu lembre. E última”.

Na gaveta, um tesouro de amor

Aí vai meu coração. Enigmático, o título do livro de Ana Luísa Martins deixa ao leitor a escolha se o coração de Tarsila do Amaral e de Anna Maria Martins se entrega a Luís Martins no fluxo de cartas que para ele escrevem, ou se Ana Luísa, filha de Anna Maria e Luís doa o coração à escrita de uma história de amor. Talvez o coração de todos esteja impregnado nos traços pictóricos e na palavra mais íntima dos protagonistas. O fato é que a autora traz a público tons claro-escuros da biografia de três artistas, sem com isso manchar os retratos com tintas sensacionalistas. Ao contrário, apresenta e edita as cartas com mão serena, acrescenta informações e comentários, recorta crônicas e textos autobiográficos que Luís

Martins deixou publicados. A palavra poética de escritora trata com respeito e afeto o pai, a mãe, figuras consagradas na literatura, assim como se aproxima com admiração e carinho de Tarsila do Amaral, que ocupa lugar ímpar nas artes plásticas brasileiras.

Eu devia ter uns sete, oito anos, tinha acabado de aprender a ler, quando, à procura de barbante, abri uma das gavetas da escrivaninha do meu pai e via aquela foto. Era um retrato grande, em preto-e-branco. Mostrava o rosto de uma mulher bonita, de chapéu preto.” Começava então a aventura da menina Ana Luísa que iria mexer com a vida de seu pai. Sempre que os pais saíam, lá ia ela ao tesouro da gaveta. “Com o passar do tempo, já sabia de cor o que tinha ali: pedaços de barbante, moedas velhas, cliques enferrujados, uma lupa enorme, fotos e, o mais interessante, cartas e bilhetes meio amarelados cujo conteúdo eu decifrava com sofreguidão e me levaram a uma descoberta surpreendente: antes de se casar com minha mãe, meu pai tinha tido outra mulher! E, mais estranho ainda, essa mulher era uma pessoa que eu chamava com toda a intimidade, embora não conhecesse pessoalmente, de tia Tarsila. Tudo isso levava a uma dúvida sobre a qual refleti noites a fio sozinha no meu quarto. E se aquela tia, além de ter sido mulher do meu pai, também fosse, na verdade, minha mãe? Não sei quantas histórias mirabolantes imaginei a respeito, cheias de detalhes pungentes e lances melodramáticos.

Os enredos da menina que logo descobriu não ser filha da Tarsila serviriam para lançar muito mais tarde uma narrativa biográfica destas que, segundo alguns biografados, correm risco de serem desautorizadas. Ana Luísa cresceu não só com os segredos das cartas, mas também com a cumplicidade de livros fabulosos na biblioteca doméstica. Aprendeu desde cedo o toque delicado da escrita no convívio literário da mãe e do pai, ambos escritores. E só anos depois da descoberta, decidiu abandonar a bisbilhotice e anunciou a Luís Martins que tinha uma revelação a fazer. O pai levou um susto no primeiro momento, mas o assunto se tornou cada vez mais frequente até sua morte, em 1981.

Mas fosse por esquecimento, discrição ou porque já sabia a resposta, ele nunca perguntou como eu tomara conhecimento do caso (nem eu jamais tive coragem de lhe contar que bisbilhotara seus papéis), de modo que nunca mencionamos o conteúdo daquela gaveta.

Cartas não faltavam em casa. Ana Luísa doou as que o jornalista, escritor e crítico de arte recebia de amigos, artistas e conhecidos ao Museu de Literatura da Casa de Ruy Barbosa, no Rio de Janeiro. Essa farta correspondência estava catalogada em ordem alfabética pelo pai. Já as cartas da intimidade afetiva, ela guardou bem guardadas, pensou nelas várias vezes e não sabia bem o que fazer.

Tendo em vista o longo período que Tarsila e meu pai conviveram, imaginava que, cedo ou tarde, algum pesquisador viria nos procurar, a mim ou a minha mãe, para saber se não tínhamos documentos inéditos da pintora – o que, não sei bem por quê, jamais aconteceu.

Já no século XXI, ao mexer em mais papéis de Luís Martins para nova doação, desta vez para o MAM paulista, tornou a ler as cartas e voltou a se surpreender.

Já madura, a autora percebeu que a teia amorosa em que sua mãe, escritora paulista ali ao seu lado, e os ausentes - a famosa pintora e o pai - haviam vivido, revelava cenas brasileiras dignas de uma narrativa.

Mas principalmente pelo que vi então nesse registro: lidas em ordem cronológica, as cartas de Tarsila contavam uma espantosa história de moralismo e preconceito (ocorrida há meros cinquenta anos), que mais parecia um romance de amor ou uma novela de época - repleta de paixão, traição, sofrimento e generosidade - uma história que longe de denegrir quem quer que fosse, só engrandecia a memória de seus personagens.

O principal obstáculo que encontrou pela frente não foi a escritura de um livro com focos variados e habilmente entrecruzados. O problema foi convencer a mãe de que havia tocado nas cartas de Tarsila: decorridos 50 anos de as ter escrito e 30 de sua morte, parecia imperdoável, para Anna Maria Martins, a invasão.

E quando por acaso encontrei as cartas que ela própria, minha mãe, escrevera na época, camufladas em meio a outros papéis, as coisas só pioraram. Passado o espanto pelo fato de meu pai não as ter rasgado, ela se recusou a lê-las, alegando não ter a menor vontade de relemburar o caso e muito menos as "tolices" que, nas suas palavras, cometera.

Com o tempo, engenho e arte, Ana Luísa derrubou as barreiras e conseguiu o aval e informações da mãe, amigos e familiares, pois, acima de tudo se tratava de uma pesquisa que entregaria o coração, a mente e o gesto amoroso ao domínio público. A autora ainda anota no seu diário de bordo, que, apesar da consciência aplacada junto à mãe, não tem segurança quanto aos que não puderam ler seu livro, Tarsila do Amaral e Luís Martins:

[...] não posso ter a menor certeza, como é óbvio, de que teriam gostado de ver sua intimidade assim devassada - uma dúvida que me assaltou várias vezes antes, durante e depois de terminado o trabalho. Impossível saber o que teriam achado disso tudo. A não ser, talvez, e esta foi a conclusão mais reconfortante a que cheguei, por suas obras e pelas recordações que temos deles, pelo que sabemos de suas personalidades, opiniões e de seus valores morais, e também pelo que eles nos deixaram por escrito, guardado em envelopes, bem organizado e protegido das traças, numa gaveta a ser aberta um dia por seus sobreviventes.

Ana Luísa, não se preocupe. Os que analisam a situação jurídica das biografias encontrarão em seu processo de trabalho grandeza solidária. Uma oferta como a sua se dirige aos que se encantam com a arte e cultivam o respeito pelo ser humano que a produz.

Seu livro conduz o leitor à experiência tão sutil quanto digna do trio familiar. Não convivi com Tarsila e você me convida a partilhar o contato muito próximo que teve com uma das pintoras mais importantes do Brasil. Mas convivi com Luís Martins, dos anos 1970 até sua morte em 1981, no jornal O Estado de S.Paulo, por sinal o mais duradouro espaço de trabalho do cronista. E convivo com Anna Maria Martins até hoje: seus contos inspiram meus alunos de graduação e pós-graduação a procurarem a síntese poética da tensão e densidade da condição humana. Por isso, cara Ana Luísa, assumo a liberdade de conversar com você, visitando em memória, imaginário e presença os três protagonistas do seu coração.

A cronologia das cartas segue o ritmo dos casos de amor. Na alternância das correspondências, Ana Luísa introduz textos autorais que guiam o leitor nas biografias do triângulo amoroso, fotografias, quadros da Tarsila, crônicas e autobiografia de Luís Martins – um caudal de informações e sentimentos que se vale também da cor do papel e dos recursos gráficos na edição. Não tirei o prazer do leitor que ainda não desfrutou da graça do livro, contando em pormenores os lances e desenlaces, bastidores de tão caros artistas. Basta uma pincelada inicial da filha de dois deles:

Meu pai, Luís Martins, foi o último companheiro da pintora Tarsila do Amaral. Tinha vinte e seis anos quando a conheceu. Ela, quarenta e sete. Uma diferença de idade de mais de vinte anos que, se nos dias de hoje ainda é capaz de chocar – quando a mulher é que é mais velha –, em 1933 era considerada quase uma perversão.

O relacionamento durou mais de dezoito anos e grande parte dos Amarais (tradicional família paulista) não aceitou a união não formalizada. Luís, jornalista, escritor, crítico de arte, que viera do Rio e se estabelecera em São Paulo – na fazenda Santa Teresa do Alto ou em apartamento alugado na capital –, era citado a voz baixa: “o homem que vive com Tarsila”.

Quando, após quase duas décadas, Luís Martins se separou da pintora para casar com a filha de uma prima-irmã de Tarsila, inverteu-se a assimetria etária. Anna Maria, jovem viúva, era dezessete anos mais nova do que o cronista com quem casou em 1952. O volume de cartas mais expressivo que a filha descobriu na infância nos guardados de uma gaveta leva o leitor a um enredo novelesco e oposições familiares – dos desgostos da velha companheira e da resistência da jovem Anna Maria no embate entre razão e paixão. Já para o jornalista carioca, traquejado na boemia da Lapa, foi um momento rural que selou o destino do futuro casal. Ele e Anna Maria, a cavalo, iam de uma fazenda a outra no interior

paulista. O relato de sua autobiografia dá conta do fato que a filha transcreve: “Foi durante esse passeio campestre que, sem dizer ‘água vai’, sem aviso prévio, de repente, não mais que repente, o amor entrou em cena, fazendo palpitar este hoje velho e já naquele tempo experimentado coração, que eu julgava imune a tais palpitações”. Parágrafo, e a frase seguinte releva a dignidade dos apaixonados: “Situação profundamente incômoda para nós ambos, por causa de Tarsila”.

Viagens e afastamentos temporários tanto de Luís Martins como de Anna Maria, cuja família morava em Santos, dão margem às cartas do trio. A autora do livro aqui visitado deixa fluir a esgrima de sentimentos contraditórios. A passagem do pai pela França, antes se consumir o casamento com a mãe, nos brinda não só com cartas, mas também com algumas crônicas publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*. Muito mais tarde, nos anos 1970, quando editora de artes e cultura do jornal, esperava a crônica regular de Luís Martins com o espaço justo pré-diagramado na página onde seria incluída – não falhava, sempre dezoito linhas datilografadas. Não conhecia as crônicas enviadas de Paris décadas antes, quando estava enredado nos dois amores, mas o certo é que podia contar com a observação de coisas do cotidiano, na linhagem literária do cronista. Há muitos desses textos no livro de Ana Luísa, mas um deles de 1952 me deliciou.

Paris, 8 de dezembro – Neste momento há em Paris muita coisa importante em que pensar; há a situação internacional, que cada manhã causa arrepio na espinha dos leitores de jornal; há o rumoroso processo David Rousset contra *Lettres Françaises*, uma espécie de reedição do caso Kravchenko; há o natal; há o frio, que começa bravo; há a exposição de arte sacra no Museu de Arte Moderna; e há ainda, para um sul americano solitário perdido neste mar de sensações novas, mil pequenos problemas esparsos na atmosfera da cidade imensa. Por exemplo, em que restaurante vamos jantar hoje? E, amanhã, a que teatro deveremos ir? (Parágrafo e a crônica muda radicalmente de rumo.) Pois tudo isso esquecemos ontem, para apenas pensarmos no jogo de futebol do Atlético Mineiro contra o Stade-Red Star.

E por aí vai a crônica do jornalista, do escritor, do crítico de arte que tão importante foi no apoio a Tarsila do Amaral. Em suas cartas, antes de tomar conhecimento do novo amor do companheiro, a pintora partilhava com ele os apertos financeiros, as inseguranças de artista, a busca de visibilidade de suas obras. Todo o criador sabe dessa batalha e Tarsila não estava sozinha, Luís Martins fincava alicerces solidários na crítica, nas relações do meio jornalístico entre amigos que cultivava no trânsito de sua elegância literária. Nas cartas da pintora aflora uma personalidade forte, centrada, mas, ao mesmo tempo, angustiada nas ausências dos braços protetores. Após se revelar a nova etapa do companheiro no declarado

amor pela jovem Anna Maria, Tarsila, ativa, insiste na amizade que os une, varia assinatura formal e apelidos, mas o grau de intimidade das cartas prossegue. Sobressai a mágoa da perda que não esconde apelos dramáticos: “Pelo amor de Deus, me escreva derramando sobre meu coração todo o seu sofrimento!”.

E por que o sofrimento do apaixonado Luís Martins? Como sua filha comenta no início do livro, os bastidores familiares nunca lhe foram favoráveis. Primeiro, com Tarsila, e esta afrontou os Amarais na longa convivência com o “amante”; depois, quando se pôs a nu o rumo do casamento com Anna Maria, novamente as comadres assumiram a palavra e a ação, de tudo fazendo para impedir que esse amor se consumasse. No embrulho dos sofrimentos aparecem com destaque as cartas da mãe de Ana Luísa. Cartas essas que ela pede encarecidamente para Luís rasgar tão logo as tivesse lido. Ainda bem que desobedeceu. Não conhecesse eu a escritora Anna Maria Martins antes mesmo de a Academia Paulista de Letras a chamar, e mais admiraria a integridade daquela jovem apaixonada que mediu o gesto definitivo até o limite ponderado entre paixão e respeito pelo outro, que inclui o auto-respeito. A literatura de Anna Maria casa com o tom maior das cartas

– [...] Fico tão angustiada em ver tudo tão no ar. Tão próximo e nada positivo, por enquanto. Eu não devia dizer isto a você que, longe, deve estar ainda mais aflito. Minha esperança é que tudo se resolva depressa e bem. Precisamos mesmo de muita esperança e fé ilimitada no futuro [...].

Retomo a atitude de dignidade com que sempre vi a escritora transitar nos círculos literários ou na parceria com outro autor no convívio doméstico. Dois anos após a morte de Luís, publicou, pela Editora Global, a primeira edição do livro Katmandu, que reúne contos de rara maturidade estética. Desde os anos 1960 e após essa obra hoje clássica, comparece ou em solo ou em antologias às estantes da literatura brasileira. Antônio Cândido, apresentando um de seus primeiros livros, chamou a atenção para “uma espécie de tendência tchecoviana para liquidar o sensacional e construir a narrativa com os salvados do nada”. De minha parte, guardo um tesouro de Anna Maria, não na gaveta dos segredos, mas na comunhão poética com grupos de trabalho. Seu conto Júri de Família, retirado de Katmandu, tem sido lido e relido por várias gerações desde os anos 1980. Aí se define um perfil de mulher que cresce até a estatura mítica. Cada palavra, cada frase das treze linhas impressas do conto condensam a justa medida da circunstância “dos salvados do nada” e, na profundidade poética, desce aos abismos do cotidiano.

Que loucura e que coerência. A Anna Maria que teve a coragem de procurar Tarsila e confessar o amor que sentia por Luís. Uma atitude que dá a dimensão da mulher e que, não

fosse o tempo de espera e sua paciência, tudo poria a perder. Aparentemente Tarsila se manteve ereta no prosclênio da desilusão, mas as tramas dos opositores empreenderam uma batalha de bastidores para que, paralelamente a troca epistolar, conseguissem romper por meio de difamações o novo elo de amor. Luís Martins, menos estóico que Anna Maria, desabafou em público esse jogo de mistificações. As crônicas no Estadão eram sua catarse. Anna Maria o repreendia em cartas, não queria ver estampadas na palavra pública do cronista os maus fluidos que urdiam o desenlace da união sonhada e programada para uma viagem secreta a Salvador. O plano foi destruído e mais tempo se exigiu de paciência e esperança. O silêncio das cartas enfim marca um pacto de amizade com Tarsila; ao mesmo tempo, se consuma o casamento com Anna Maria em 1952.

As últimas páginas do livro de Ana Luísa são generosamente dedicadas à recomposição do tecido familiar, superando as mazelas do conflito paulista entre os Amaraís e o galante carioca. Os avós maternos de Ana Luísa acabaram por aceitá-lo, e a neta foi acolhida com todo afeto.

Minha mãe também seguiu escrevendo, também ganhou prêmios por alguns de seus livros – dos quais meu pai se orgulhava muito mais do que de seus próprios –, ingressou na Academia Paulista de Letras [...] e aprendeu a trabalhar para se manter. Os dois viveram harmoniosamente por vinte e nove anos, até a morte de meu pai, aos setenta e quatro, num desastre de automóvel [...]. Continuavam apaixonados como na época em que se casaram, e durante todos esses anos não os vi brigar mais que três ou quatro vezes, e sempre por motivos tão tolos, que me faziam rir às escondidas.

“Conforme haviam combinado, meu pai e Tarsila mantiveram a amizade até a morte dela, em janeiro de 1973. Durante vinte anos, e com a anuência de minha mãe, ele a visitou pelo menos uma vez a cada quinze dias”.

A pesquisa de Ana Luísa Martins faz jus aos protagonistas de seu livro. Nem biógrafa nem historiadora, que mais seria necessário além da limpidez dos sentimentos de filha e o artesanato da escritora?

Como já disse, nunca tive oportunidade de contar a meu pai que tinha lido as cartas escondidas (mas não muito) em sua gaveta. E menos ainda que, ao contrário do que ele imaginava, jamais soube fazer julgamentos muito severos a respeito dos participantes dessa história (não me vanglorio nem me penitencio disso; apenas constato).

Causou perplexidade a Luís Martins um pedido especial da filha para levá-la a visitar Tarsila.

Ela se encontrava na cama, de onde já não saía. Estava velha, doente, e tinha a cabeça coberta por um lenço. Não me lembro sobre o que falamos aquele dia. Certamente sobre banalidades. Lembro apenas que seu sorriso me pareceu bonito, estranhamente familiar, e que ficamos o tempo todo conversando baixinho, de mãos dadas [...].

Na última página de *Aí vai meu coração*, de Ana Luísa Martins, a crônica de L. M. quando da morte da pintora, publicada no Estadão a 18 de janeiro de 1973. Apenas uma palavra no título: Tarsila.

Referências

MARTINS, Ana Luísa. **Aí vai meu coração**: as cartas de Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins. São Paulo: Planeta, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Escritor brasileiro hoje, a posse da terra**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985.

PIÑON, Nélida. **Livro das horas**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2012.

RAMOS, Ricardo. **Graciliano**: retrato fragmentado. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.

The passion of writing: memory, biographers and biographees

Abstract

This essay visits *Livro das horas*, *Graciliano: retrato fragmentado* and *Aí vai meu coração*. The goal is to bring the reader closer to the subjectivities of Nélida Piñon, Graciliano Ramos and Tarsila do Amaral, and map the possibilities of registering affection in written memory. Thereunto, biographical and autobiographical texts are used, as well as letter exchanges, and personal reports. Following the project to exorcise schematic standards for the presentation of thought, this article also want to resist to the limitation of criterias of the right and wrong in the creative execution of the language.

Keywords

Biography. Autobiography. Correspondence.

La pasión de la escritura: memoria, biógrafos y biografiados

Resumen

Esta prueba hace una visita al *Livro das horas, Graciliano: retrato fragmentado* e *Aí vai meu coração*. El objetivo es llevar al lector más cerca de las subjetividades de Nélida Piñon, Graciliano Ramos y Tarsila do Amaral, y trazar las posibilidades de registro del afecto en la memoria escrita. Para ello, se utilizan textos biográficos, autobiográficos, y el intercambio de cartas, además de cuentas personales. Siguiendo el proyecto de exorcizar las normas tradicionales de presentación de pensamiento, este artículo también quiere resistir a la limitación de los criterios de lo correcto e incorrecto en la ejecución creativa de la lengua.

Palabras clave

Biografía. Autobiografía. Correspondencia.

Recebido em 23/03/2014

Aceito em 25/06/2014